

INTERAÇÃO ENTRE TEXTO E LEITOR: UMA LEITURA DE “TCHAU”, DE LYGIA BOJUNGA

INTERACTION BETWEEN TEXT AND READER: A READING OF “TCHAU”, BY LYGIA BOJUNGA

Jhennefer Alves Macêdo¹

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil
jhenneferufpb@outlook.com
<http://orcid.org/0000-0002-2361-0405>

Recebido em 13 dez. 2019

Aceito em 4 abr. 2020

Resumo: Ao realizarmos uma breve revisão no panorama histórico que abarca os estudos que elegem a literatura como *corpus* de investigação e análise, constata-se que nas novas roupagens teóricas, as quais foram iniciadas desde a década de 60, um novo elo foi formado: a leitura, a experiência estética e o leitor. A partir de então, entende-se que uma obra literária, antes vista como fechada e imutável, é aberta a possíveis interpretações do leitor, assim como está em constante processo de transformação. Ademais, interligada a essa concepção está a ideia de que os leitores não são meros receptores de textos literários acabados, ao contrário, os receptores são participantes ativos no processo da leitura e possuem relevante importância em relação à recepção e à permanência de uma obra no decorrer do tempo. Sabendo disso, o presente artigo objetiva evidenciar, por meio de um relato acerca de uma experiência, sendo essa desenvolvida em uma turma de 7º ano, do Ensino Fundamental II, de leitura com o conto “Tchau” (2008), de Lygia Bojunga, como aconteceu a recepção desse texto em sala de aula, bem como o efeito que este causou em seus leitores. Sendo assim, para fundamentarmos as discussões desenvolvidas no decorrer desse estudo, realizamos a leitura das obras de alguns autores, tais como Iser (1996), Solé (1998), Colomer (2017) e Girotto e Souza (2010).

Palavras-chave: Literatura. Leitor. Estratégias de Leitura.

Abstract: A brief review of the historical panorama that encompasses the studies that elect the literature as a corpus of investigation and analysis shows that in the new theoretical background, which began since the 1960, a new link was formed: the reading, the aesthetic experience and the reader. From then on, it is understood that a literary work, previously seen as closed and unchanging, is open to possible interpretations of the reader, as it is in a constant process of transformation. In addition, linked to this conception is the idea that readers are not merely recipients of finished literary texts; on the contrary, recipients are active participants in the reading process and are of significant importance in relation to the reception and permanence of a work Throughout time . Knowing this, this article aims to highlight, through a report about a reading experience , which was developed in a class of 7th grade of Brazilian Middle School , with the story “Tchau” (2008), by Lygia Bojunga, how this text was received in the classroom, as well as the effect it had on its readers. Thus, to support the discussions developed during this study, we read the works of some authors, such as Iser (1996), Solé (1998), Colomer (2017) and Girotto and Souza (2010).

Keywords: Literature. Reader. Reading strategies.

INTRODUÇÃO

Ao analisarmos a história da literatura verificamos que o leitor, quase sempre, não foi um elemento considerado de importância elevada para as análises de um

texto literário, ao contrário, em suma, as interpretações quanto à literatura giravam em torno, principalmente, do eixo autor-texto.

Entretanto, apesar de essas concepções terem vigorado por muito tempo, no final da década de 1960, essa tradição da crítica literária é rompida por uma corrente da Teoria Literária denominada de Estética da Recepção, a qual teve sua primeira exposição em 1967, através de Hans Robert Jauss. A partir desse ponto, muitos são os autores que discorrem sobre a literatura a partir de um enfoque recepcional.

Desde então, houve um deslocamento do eixo de investigação do campo literário para a relação estabelecida entre texto e leitor, o que possibilitou um alargamento no tocante ao desenvolvimento da compreensão em relação ao processo de interação concretizada no decorrer do ato da leitura, sendo esse ato o responsável, à luz das teorias recepcionais, pela permanência das obras literárias pelo tempo afora, bem como pela expansão dos horizontes de expectativas dos seus leitores, expansão essa que pode ocorrer, também, pelo arcabouço de leitura que vai sendo construído do decorrer da vida, a partir, inclusive, do conhecimento de novos autores, gêneros, temas etc.

A partir dessa ótica, contemporaneamente, muitos estudos, bem como documentos norteadores da prática docente, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), reforçam a preocupação com a formação de leitores, e elegem a leitura literária, através da escolha de narrativas significativas, como um instrumento necessário e indispensável para a construção de alunos críticos, conscientes e ativos, que saberão o que leem e por que leem, deixando, assim, de ser meros decodificadores de códigos linguísticos para se tornarem sujeitos letrados e reflexivos.

Para alcançar tais objetivos e construir as bases necessárias desse letramento ativo, o uso e o ensino das estratégias de compreensão leitora, assim como evidenciando por Solé (1988), tornam-se essenciais para o desenvolvimento de leitores proficientes. Nessa perspectiva, visando contribuir para o desenvolvimento do letramento literário dos educandos, apresentamos, neste artigo, os resultados de uma proposta metodológica vinculada aos anos finais do Ensino Fundamental, a qual foi aplicada a partir de oficinas de leitura literária com o conto “Tchau”, da autora Lygia Bojunga.

1 A ELABORAÇÃO DA PRÁTICA DE LEITURA: PLANEJAMENTO

Para fins de esclarecimento, ressaltamos que a prática de leitura realizada na turma de 7º ano, composta por trinta alunos, do Ensino Fundamental II, de uma escola da rede privada de ensino, foi previamente elaborada pelas autoras Siomara Regina Cavalcanti de Lucena, Nadilza Maria de Farias Souza e Irany André Lima de Souza, e está disponível em “Estratégias de leitura com a narrativa ‘Tchau’: experiência em um círculo de leitura” (LUCENA; SOUZA; SOUZA, 2018), sendo essa aplicada, inicialmente, também com adolescentes. No mais, para aplicação na turma supracitada, assim como indicado pelas teorias de Solé (1988) e discussões de Girotto e Souza (2010), as estratégias foram divididas em antes, durante e depois da leitura. Por fim, ressaltamos que toda a prática foi realizada em torno de três aulas, tendo cada uma delas a duração de 50 minutos.

1.1. DA TEORIA À PRÁTICA

1.1.1. ANTES DA LEITURA

No momento inicial da primeira aula, tendo essa duração de 50 minutos, a turma foi informada a respeito da prática que seria realizada. Para tanto, introduzimos uma explanação acerca das estratégias de leitura, apresentando, ainda que de forma condensada, uma exposição teórica e estabelecendo pontes que permitiam uma melhor compreensão, a exemplo de ressaltar como em nosso dia a dia estamos sempre fazendo uso de conexões, inferências, visualizações, sínteses etc. Ademais, os estudantes foram informados o quão importante é o arcabouço de conhecimento prévio que possuem, e que este não está somente relacionado com a carga conteudista que acumulam no ambiente escolar, mas, principalmente, com o seu conhecimento de mundo, o qual vai sendo construído por meio das experiências vivenciadas, das leituras realizadas etc.

Ainda, explicamos para eles que, na sequência, seriam projetadas algumas imagens, e, na medida em que estas fossem sendo expostas, eles deveriam expor oralmente que lembranças elas despertavam. Além disso, ressaltamos que aquele conjunto de imagens, ainda que ali ilustrativas, faziam parte de uma narrativa, e que

nós iríamos fazer o exercício de construir essa história somente a partir do que estava sendo revelado.

Concluída a etapa introdutória, projetamos o primeiro slide: um buquê de rosas vermelhas. No que concerne aos sentimentos, os alunos disseram que as flores fazia-os lembrar-se de amor, de amizade, de carinho, de tristeza. Ao relacionarem esses sentimentos a possíveis acontecimentos, os mesmos citaram um casamento, um pedido de namoro, dia das mães, velório. Quando perguntados se haviam dado ou recebido um buquê, duas meninas afirmaram que receberam, e um menino que entregou, ambos relataram que isso aconteceu em um contexto de namoro. Tendo conhecido a primeira imagem, o enredo de uma narrativa começou a ser formado, sendo esse, a princípio, composto pelas seguintes inferências: um casamento acontecerá; alguém vai receber um pedido de namoro, mas vai rejeitar; uma mãe receberá as flores dos seus filhos; haverá uma morte na história.

Traçados os caminhos iniciais, a segunda imagem foi revelada: uma mãe e uma filha caminhando juntas em uma praia. A respeito das emoções que a figura transmite, os relatos giraram em torno de um momento feliz, de amor, de carinho, de cumplicidade, de tragédia. Quando questionados em relação ao trágico, alguns dos participantes mencionaram que tinha possibilidade de a menina afogar-se naquele mar, poderia ainda acontecer um sequestro, ou a mãe, por estar passando por um momento difícil, sendo cogitados uma depressão ou um possível envolvimento com drogas, teria um momento de delírio e mataria a filha. Já no tocante aos bons sentimentos mencionados, as sugestões eram de que o passeio aconteceu logo após um almoço comemorativo do dia das mães, momento em que o buquê de rosas havia sido entregue. Para mais, também foi cogitada a possibilidade de um possível marido ter dado as rosas para a sua esposa e ter ficado em casa assistindo o jogo enquanto ela saía para passear. Por último, outras inferências foram delineadas: a mãe levou a filha para a praia para enganar o seu marido e lá poder encontrar o seu amante; será descoberto que a mãe é uma traficante de drogas e ela será presa durante esse passeio.

Após esse momento, o próximo slide foi apresentado, sendo esse agora composto por uma pergunta: vocês já sentiram um sentimento tão forte que aquilo os fez mudar de opinião ou tomar alguma atitude inesperada para si mesmo? Rememorando os acontecimentos das suas vidas, a grande maioria dos

adolescentes respondeu, de maneira enfática, que sim, e aos serem convidados para expressarem esses sentimentos, embora consideravelmente envergonhados, relataram que quando estão com raiva costumam agir impulsivamente, falando de forma grosseira, muitas vezes, com a própria mãe, ou até mesmo partindo para a agressão, nesse caso com os colegas. Um reduzido número de meninas ainda expressou que já estiveram apaixonadas e isso fez com que agissem de forma impensada e até mesmo boba. Conhecidos os relatos, algumas hipóteses previamente formuladas foram recuperadas para compor a teia desse enredo: a mulher receberá o buquê, mas não gostará e jogará no lixo; a mãe matará a filha e depois fugirá; o pai poderá descobrir que a sua esposa está o traindo e matará os dois amantes; a mãe descobrirá que foi traída e, por isso, foi até a praia para desabar com a filha.

Construídos novos caminhos para a narrativa, exibimos o quarto slide: um homem bebendo em uma mesa de bar. No tocante aos relatos, de acordo com os estudantes, a imagem passava sentimentos de tristeza, de sofrência, de decepção e de dor. Nesse momento, boa parte da turma ficou eufórica, pois concluíra que realmente havia uma traição na história, e que o homem na mesa de bar era o marido que havia descoberto tudo. Ainda a compor a cena, acreditou-se que, naquele momento, estava tocando no bar as músicas da cantora sertaneja Marília Mendonça. Embora sendo a inferência inicial quase majoritária, outras apareceram: ele está chorando e bebendo seja porque descobriu que a sua filha foi morta pela própria mãe, seja em razão de ter sido informado que a filha foi sequestrada ou que a própria mulher entrou no mar e morreu afogada; ele é um alcoólatra e, em razão disso, a sua esposa pediu a separação; vai morrer de overdose e a sua esposa e a sua filha, ao voltarem do passeio na praia, descobrirão o ocorrido; ele é o admirador secreto que enviou as flores, mas está chorando porque foi rejeitado.

Com um enredo praticamente concluído, a última imagem foi exibida: uma mala. Nesse momento, mais uma vez a agitação tomou conta da turma, uma vez que os alunos sentiram-se animados, pois acreditavam que as inferências realizadas estavam corretas. Na concepção da maioria, a mala seria usada pelo marido, que após descobrir a infidelidade da esposa, pegará a sua filha e partirá para outro local. Assim como nos outros momentos, não somente um único final foi concluído. Sendo assim, outras conclusões para o enredo foram formuladas: o corpo da menina,

outrora sequestrada na praia, será encontrado dentro dessa mala; após o falecimento do marido por overdose, mãe e filha deixarão a cidade e recomeçarão em outro lugar, onde a mãe encontrará um novo amor e se casará com ele e entrará na igreja com o buquê de rosas vermelhas; enquanto mãe e filha estavam na praia, a polícia fará uma investigação na casa onde a família mora e descobrirá drogas escondidas nessa mala.

De modo a arrematar esse momento que antecede a leitura do conto, com base em todas as imagens apresentadas e em todas as conexões e inferências formuladas, foi solicitado que os alunos elaborassem possíveis títulos para a narrativa. Dentre as sugestões, destacam-se: “Amante não tem lar”; “Tragédia em família”; “Adeus”.

Encerrada essa primeira etapa *antes da leitura*, algumas reflexões podem ser realizadas: a primeira delas consiste no fato de que, embora sendo mostrados de forma aleatória, os estudantes construíram várias histórias somente a partir da leitura das imagens, ou seja, há um enredo linear, com início, meio e fim. Para mais, em todo o tempo, percebemos como os sentimentos, principalmente ao que concerne às flores e à imagem da mãe e da filha caminhando na praia, foram sendo desconstruídos, já que o belo acabou por ceder espaço para o trágico. Para além dessas questões, outro ponto capturou a nossa atenção: a descentralização, de certa maneira, da imagem perfeita que quase sempre costuma ser atribuída à figura materna, podendo ser observada, por intermédio de algumas citações feitas, a possibilidade dela ser depressiva, de chegar a matar a filha, de ser uma assassina, de ser uma traficante etc.

Findo o momento, informamos aos alunos que a história seria conhecida na próxima aula, o que os fez reivindicarem consideravelmente, pois gostariam, naquele momento, de descobrir se as histórias criadas por eles coincidiam ou não com a narrativa original.

1.1.2. DURANTE A LEITURA

Na aula seguinte, inicialmente, fizemos uma retomada das etapas que haviam sido realizadas na aula anterior e relembramos quais os caminhos narrativos tinham sido construídos até então. Posteriormente, foram distribuídas para todos os alunos

cópias do conto “Tchau”. Ao receberem as versões impressas, o título “Tchau” corroborou na compreensão de que realmente seria uma história de separação.

Antes de a leitura do conto ser de fato iniciada, sendo essa feita de modo compartilhada, ou seja, cada aluno era responsável por ler uma página, uma apresentação inicial do livro *Tchau* (2008) foi feita, com uma exposição acerca da sua composição estrutural. Além do livro, Lygia Bojunga, a autora da narrativa, também foi apresentada para os alunos, através de uma exibição do seu percurso na literatura infantil e juvenil brasileira, sendo, nesse momento, citadas outras das suas publicações voltadas para esse público leitor.

Dando início ao momento *durante a leitura*, assim como mencionado, a leitura foi sendo realizada de forma compartilhada e pausadamente. Ao final de cada bloco do conto, retomávamos tanto as inferências que tinham sido anteriormente feitas, para que, dessa maneira, pudéssemos compreender se elas foram confirmadas ou não no decorrer da leitura, quanto novas inferências iam sendo criadas a partir das novas descobertas.

Para exemplificar como essas confirmações e negações foram acontecendo, citamos o momento em que leitura do primeiro bloco do conto foi concluída, o qual era intitulado de “O buquê”. Na concepção dos estudantes, o estrangeiro que havia enviado a carta poderia assumir três funções no conto: um admirador secreto; o novo namorado da mãe de Rebeca (sendo essas duas funções as mais cotadas); alguém que sabia de um segredo dela e estava ligando para fazer uma chantagem, podendo ser exemplificado pelo nervosismo da mãe, o qual não era somente resultante de “uma paixão”. Para a mãe da Rebeca, outras ideias foram sendo acrescentadas: a ausência da figura paterna, nesse momento, poderia indicar que ela havia rompido com o casamento e estava buscando um novo amor; o marido estava no trabalho e ela estava cometendo uma traição.

Dando sequência a leitura, o bloco “Na beira do mar”, de certa forma, veio a confirmar, consideravelmente, as inferências feitas no momento *antes da leitura*, pois, assim como dito anteriormente, havia sido cogitado um envolvimento da mãe de Rebeca com outro homem. Inicialmente, antes da leitura desse bloco ser concluída, os alunos acreditaram que Rebeca e a sua mãe iriam até a praia para encontrarem com Nikos, podendo ser esse um encontro amoroso ou algo movido por uma chantagem que tinha sido escrita no cartão e reforçada na ligação.

Conforme as suas compreensões, tal chantagem poderia ser relativa ao fato de que esse homem era quem comandava alguma operação internacional de tráfico de drogas, e por saber que a mãe da Rebeca traía o marido, ela teria sido obrigada a exercer esse serviço ilegal. Desse modo, o encontro na praia poderia ser finalizado com a morte da mãe, já que essa, por desespero, tentaria cometer o suicídio; com o sequestro de Rebeca como forma de punição, ou poderia ser totalmente contrário a essas ideias e resultar em um pedido de casamento sendo feito por Nikos.

Todavia, notamos que a continuidade do enredo fez com que os alunos ficassem um pouco surpreendidos, tanto em razão de descobrirem que havia uma nova paixão na vida da mãe de Rebeca, mas que essa era proibida, já que a mesma era casada, quanto por essa mulher revelar todas as suas fragilidades para a sua filha. Ao serem perguntados se, em algum momento, já tinham tido esse tipo de diálogo com os seus pais, todos disseram que não. Mas, alguns declararam que os seus pais não estavam mais juntos em razão de outras paixões. Quando perguntados sobre a possível continuidade dessa história, as apostas giravam em torno das seguintes ideias: ela vai contar para o marido e os dois ficarão separados (essas respostas foram dadas quase em totalidade pelas meninas); o marido, ao saber disso, perderá o controle das suas emoções e acabará matando a esposa (resposta soberana dos meninos). De alguma maneira, notamos que, a partir desse diálogo entre a mãe e a filha, uma boa parte das outras hipóteses, que não giravam em torno de traição amorosa, paixão etc., começaram a ser descartadas.

Além dessas respostas mencionadas, ainda foi possível perceber a existência de duas concepções a respeito do que estava acontecendo: a primeira refere-se ao fato de que uma parte da turma, sendo aqui, mais uma vez, composta muito mais por meninas, acreditava que ainda não havia ocorrido qualquer traição; a segunda, sendo quase totalmente dominada pelos meninos, afirmava com veemência que a traição já havia sido consumada. Para mais, percebemos que, até então, não era notada uma crucificação total da mãe da Rebeca, já que, ainda que não para a totalidade da turma, o fato do seu esposo somente direcionar atenção para o trabalho contribuiu consideravelmente para que essa nova paixão surgisse, bem como era possível acreditar que com uma separação amigável tudo poderia ser resolvido: o pai encontraria uma nova mulher, a mãe ficaria com os filhos e viveria a nova paixão.

No entanto, sem dúvida, o bloco “No sofá da sala” foi o responsável pela quebra dos horizontes de expectativas dos alunos, assim como para uma quase total mudança de uma possível compreensão e apoio que estava sendo oferecido à mãe da Rebeca. Ao descobrirem que os filhos poderiam ser deixados em segundo plano, a paixão que enredava os corações da mãe de Rebeca e de Nikos foi vista como algo abominável e que jamais poderia vir a acontecer, pois, nas palavras de boa parte dos alunos, uma mãe, em hipótese alguma, pode abandonar seus filhos. Quando questionados sobre um possível desenlace desse entrave, as soluções pareciam claras e simples: ela deve terminar com Nikos, porque ele não tem um bom caráter; como o casamento não está mais dando certo, ela pode ir tentar viver uma nova vida, mas com os seus filhos do lado; uma nova chance deve ser dada para o casamento, porque as crianças sofrerão bastante com a separação.

Continuando, os estudantes notaram que “Na mesa do botequim” foi a parte do conto que mais estava relacionada com as suas ideias iniciais, em razão do pai de Rebeca usar a bebida como fonte de escape para os sofrimentos resultantes da descoberta de que o seu casamento estava prestes a acabar. Apesar de receber o “alento” de alguns alunos, no sentido de se compadecerem desse momento difícil, o pai da Rebeca também foi alvo de críticas, principalmente femininas, porque este somente parecia se preocupar com o casamento depois que já não havia como remendar as feridas abertas, sendo estas formadas por sua ausência no dia a dia. Além disso, outra questão foi ressaltada: Rebeca sendo ouvinte dos problemas dos pais e assumindo, por vezes, o papel de adulta e de mediadora da relação. Quanto a isso, os alunos afirmaram que ela deveria estar profundamente triste com tudo o que estava acontecendo, mas não demonstrava para não ser mais um ponto de preocupação para os pais. Em relação à sequência que viria, todos acreditavam que Rebeca realmente conseguiria convencer a sua mãe a ficar.

Nesse ponto, “A mala”, que, de algum modo, coincidiu com as expectativas iniciais: a mãe ou o pai estariam indo embora, acabou por deixar um gosto amargo e despertar indignações. Ao findarmos a leitura desse bloco e do último, o qual recebe como título “O pai volta tarde e encontra um bilhete no travesseiro”, praticamente todos não acreditaram que a mãe da Rebeca realmente tinha ido embora. Nesse momento, os alunos começaram a perguntar sobre a continuidade de história e quando começaríamos a ler a parte II. Ao descobrirem que o conto tinha acabado,

ficaram desorientados, pois suas crenças giravam em torno de que a mãe de Rebeca voltaria, ela teria que voltar, algo que aconteceria já no caminho do aeroporto ou quando, ao ficar com Nikos, descobrisse que seus filhos eram mais importantes, e que aquele homem acabou com a sua família. No tocante à Rebeca, o seu bilhete deixou uma pergunta sem resposta: Para onde ela foi? Aqui, algumas hipóteses finais: entrou no mar e cometeu suicídio (referência pelo barquinho desenhado); está escondida em algum lugar, sofrendo pela partida da mãe, mas voltará para casa; conseguiu entrar no táxi e foi embora com a sua mãe.

Após esse momento, os questionamentos formulados pelos alunos permitem-nos recuperar os dizeres de Colomer (2017), quando a estudiosa, ao estabelecer um panorama que vai do clássico ao contemporâneo, destaca que, atualmente, há uma mudança considerável no tocante aos finais das histórias literárias destinadas para o público infantil e juvenil, pois, se muitas histórias clássicas fizeram com que acostumássemos com finais felizes ou com personagens que aceitavam os conflitos, hoje, ao contrário, finais abertos estão ganhando espaço nessas narrativas. Essa nova roupagem, conforme os seus estudos, está associada às seguintes concepções:

- É adequado para mostrar uma visão mais completa da realidade, em que a maioria dos conflitos não se soluciona de uma vez por todas ou ao menos de maneira completa.
- É muito frequente quando se tratam de temas sociais: por um lado, porque, se os conflitos descritos se situarem em contextos muito concretos, ou inclusive históricos, o final feliz poderia resultar totalmente inverossímil à luz dos sentimentos do leitor; por outro lado, porque a narrativa pretende, não apenas que o leitor conheça as situações, mas que adote um compromisso moral diante delas. Então a mensagem consiste em afirmar que as coisas podem não acabar bem e que, portanto, há muito trabalho para fazer no mundo real. (COLOMER, 2017, p. 262).

Assim como percebido, além de apresentar um final aberto, o conto “Tchau”, para os alunos, também apresentou um final negativo, já que, tomando por empréstimo os dizeres de Colomer (2017), esse tipo de desenlace causa um sentimento de frustração nos leitores, pois quebra todas as expectativas que haviam sido formuladas previamente.

1.1.3. DEPOIS DA LEITURA

Como última etapa da intervenção em sala de aula, considerando toda a indignação que o desenlace do conto causou nos estudantes, e visando estabelecer uma aproximação entre personagens e leitores, bem como avaliar, individualmente, o efeito que essa obra provocou, pedimos para que os alunos, assim como feito por Rebeca, escrevessem bilhetes direcionados para os personagens dessa narrativa, com exceção apenas do Donatello, que, de acordo com a interpretação coletiva, em razão da sua pouca idade, possivelmente, ainda não dominaria a habilidade da leitura.

O primeiro bilhete deveria ser destinado para a mãe da Rebeca. Abaixo, algumas produções para exemplificar:

Bom dia, boa tarde ou boa noite. Independente do horário que você está lendo isso, quero que saiba que você é uma mulher batalhadora, e só estava procurando a sua felicidade. Eu como mulher entendo que quando a gente ama é difícil de deixar de amar essa pessoa, é difícil de deixar de pensar nessa pessoa, e você fez o certo, você que amamentou, cuidou e carregou os seus 2 filhos durante 9 meses, e agora finalmente chegou a hora de seu marido ter a responsabilidade que você sempre teve. (ALUNA 1¹, 12 ANOS).²

Oi mãe da Rebeca e do Donatelo! Não achei o que você fez certo, você abandonou seus dois filhos e seu marido por conta de um novo amor. Bom, todo mundo tem que procurar ser feliz na vida, mas acho que nenhuma mãe faria o que você fez. Bom, se você realmente for voltar, volte logo, pois seus filhos precisam de uma figura materna por perto! (ALUNA 2, 12 ANOS).

Querida mãe de Rebeca, você sinceramente não é uma boa mãe, deixou um homem que realmente te amava e dois filhos, e eles ficaram muito tristes, principalmente a Rebeca. Se eu fosse você, eu voltava pro Brasil pra ficar com eles, mas enfim. Todo mundo te odeia. (ALUNO 3, 13 ANOS).

Antes de adentrarmos em aspectos de análise quanto aos efeitos, tomamos por empréstimo as palavras de Iser (1996), haja vista a pertinência de destacar que nesse contato entre texto e leitor, este segundo não chega como uma tábula rasa, uma vez que já possui um repertório que foi sendo construído, assim como já mencionado, no decorrer da sua vida, por meio de leituras ou de suas próprias vivências, formando, desse modo, uma bagagem que será trazida para o momento

¹ Visando preservar a identidade dos discentes, optamos por classificá-los dessa maneira. Também ressaltamos que houve autorização dos pais para que a pesquisa fosse realizada e os textos dos alunos fossem utilizados em publicações.

² Optamos por preservar a escrita dos alunos, portanto, não realizamos revisão gramatical em seus bilhetes.

da leitura, podendo ser definida como expectativas, as quais poderão ser confirmadas ou não no decorrer do processo de interação.

Sendo assim, os exemplos citados reforçam que as “[...] significações do texto, quaisquer que sejam, são constituídas, diferencialmente, pelas leituras que se apoderam deles.” (CHARTIER, 2011, p. 78). Dessa forma, ao passo que a primeira aluna demonstra certa empatia pela decisão da mãe de Rebeca, os demais, de diferentes maneiras, reprovam essa atitude, sendo essa mais repudiada, principalmente, pelo menino. Para além dessa abordagem, também precisamos considerar a faixa etária da turma que recebeu esse texto, pois, ao ser formada por adolescentes, esses, quase de forma geral, assumem o lugar de filhos, assim como o olhar de Rebeca para toda a situação, tornando-se ainda mais difícil a compreensão das razões que poderiam justificar a escolha de viver uma nova paixão feita pela mãe de Rebeca. Portanto, percebemos que as particularidades de cada leitor, muitas vezes resultantes dos contextos culturais, sociais e políticos que estão inseridos, são determinantes nas apropriações que estes farão dos textos.

Já o pai da Rebeca recebeu as seguintes mensagens:

Querido pai da Rebeca, aproveite sua vida indo para festas, bebendo e curtindo com os amigos e também arrume uma nova esposa e viaje com ela pelo mundo todo, também tenha mais um filho com a nova esposa e vá morar em Dubai. (ALUNA 4, 12 ANOS).

Querido pai de Rebeca: Não se preocupe, pois talvez ela vai voltar. Dê mais atenção a sua esposa, pois é isso que ela precisa, dê mais amor a ela e mostre a ela que realmente a ama e que sempre amou, pois ela te ama muito, só quer mais atenção. (ALUNA 5, 12 ANOS).

Nossa meu, tu foi muito idiota, tu tem uma família massa, aí você larga por um violino e deixa a família só, aí a mulher vai no Tinder e acha um cara na Grécia e ela quer morar lá com o homem e namorar com ele. Isso é o cúmulo da burrice. (ALUNO 6, 12 ANOS).

Com exceção do sexto aluno, o qual atribui o insucesso do casamento e o abandono da esposa às próprias escolhas feitas anteriormente pelo esposo no decorrer da vida conjugal, verificamos que a figura paterna recebe muito mais afetividade do que a figura materna do conto, já que este, nesse caso, teria sido “o abandonado”. Em suma, essa figura representa a continuidade da estrutura familiar tradicional, isto é, não há quebra dos horizontes de expectativas dos leitores.

Todavia, se nos bilhetes anteriores ainda foi possível localizar posições favoráveis e contrárias, isso não acontece quando as mensagens são direcionadas para Nikos. Para ele, os alunos escreveram as seguintes mensagens: “Nikos, você

deveria deixar os filhos ir com a mãe nessa viagem. Mas, eu preciso te falar uma coisa sobre você: eu tenho certeza que você é um vagabundo que não liga para os filhos dela.” (ALUNO 7, 12 ANOS); “Você foi um homem muito ruim por deixar essa mulher sem seus filhos, eu acho que você não merece ela como sua esposa e você fez uma coisa muito ruim.” (ALUNA 8, 12 ANOS).

Para a personagem que narra a história sob uma perspectiva feminina, a Rebeca, além de ser aquela sobre quem pouco se sabe, já que está entrelaçada na dramática separação dos pais, os alunos, ao tentarem preencher os vazios deixados na narrativa, dizem: “Querida Rebeca, independente de onde esteja volte para casa, seu pai deve estar preocupado com você. Volte, converse com e seu pai e enquanto ele está trabalhando cuide bem de si mesma e do Donatelo. Volte para casa logo.” (ALUNA 9, 13 ANOS); “Eu ficaria do lado do seu pai, sabe por quê? Porque sua mãe não ama você de verdade, se ela te amasse ela ficaria do seu lado.” (ALUNA 10, 13 anos); “Rebeca, cuide do seu pai, faça ele parar de beber, ajude-o a cuidar de Donatelo e fazer a comida, a compor e a tocar no violino e torça para que sua mãe volte para buscar Donatelo e você.” (ALUNO 11, 12 ANOS).

Identificamos nos bilhetes destinados à Rebeca que os alunos continuam a reproduzir um pouco da imagem transmitida na narrativa: Rebeca exercendo função de elo para estabelecer a união da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de estabelecer proximidade com o universo dos leitores, percebemos que, desde a década de 70, os autores que escrevem uma literatura destinada para crianças e para jovens têm criado narrativas com temáticas que, embora, muitas vezes, consideradas sensíveis e inadequadas, já que abordam temas considerados tabus, fazem parte do dia a dia desse público leitor, a exemplo da morte, da violência, do medo, do abandono, da solidão, do ciúme e dos conflitos familiares. Nessas histórias, os personagens vivenciam situações bem parecidas com as que os seus leitores precisam enfrentar no mundo real, expondo, assim, questões e sentimentos que costumam ser negligenciados e não atribuídos a esse público.

Entre o elenco desses autores que buscam dar voz para essas discussões está Lygia Bojunga, que, dentre a sua vasta produção literária, produziu o livro *Tchau*, uma narrativa que desconstrói estereótipos estabelecidos pela história social e cultural e que comumente relaciona a mulher com os afazeres domésticos e às funções maternas. Para além dessa questão, na narrativa, Lygia Bojunga apresenta Rebeca, uma criança, que inserida nesse momento de crise dos pais e ainda do abandono da mãe - uma vez que questões como a paixão ainda lhe são totalmente desconhecidas - precisa assumir uma maturidade que não lhe pertence, sendo tratada, inclusive por seus pais, como uma adulta em miniatura (PINHEIRO, 2008).

A respeito da recepção dessa obra literária em sala de aula e dos efeitos que esta causou, percebemos que, mesmo se deparando com situações semelhantes todos os dias, há uma quebra considerável na expectativa dos leitores, uma vez que estes, inclusive pela idade e pela formação cultural, atribuem muita importância à responsabilidade da função que uma mãe precisa exercer, não sendo admitido qualquer rompimento dessas atribuições, assim como acontece em “Tchau”.

Outra questão que nos chamou atenção no decorrer da prática, ressaltada principalmente pelos bilhetes finais, é o fato de que, apesar de uma menina, mais ou menos da mesma idade que eles, vivenciar conflitos tão complexos, a atenção maior esteve sempre voltada para a figura da mãe, especificamente para a culpabilidade materna.

Quanto à apropriação das estratégias de leitura para a compreensão da narrativa, por meio dos resultados, concluímos que os alunos conseguiram usá-las satisfatoriamente.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, L. *Tchau*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CHARTIER, R. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

GIROTTI, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que leem. *In*: SOUZA, R. J. de (Org.). **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 45-114.

ISER, W. **Ato de leitura**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LUCENA, S. R. C. de; SOUZA, N. M. de F.; SOUZA, I. A. L. de. Estratégias de leitura com a narrativa “Tchau”: experiência em um círculo de leitura. *In*: SEGABINAZI, D. M.; SOUZA, R. J. de (org.). **Educação literária: infância, mediação e práticas escolares**. Tubarão: Copiart, 2018. p. 89-100.

PINHEIRO, A. S. P. Ser mulher e ser menina: uma análise do conto “Tchau”, de Lygia Bojunga Nunes. *In*: Fazendo Gênero. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST50/Alexandra_Santos_Pinheiro_50.pdf. Acesso em: jul. 2019.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Sobre a autora

Jhennifer Alves Macêdo

Atualmente, doutoranda em Literatura pelo PPGL-UFPB, seguindo a linha de Leituras Literárias. Possui graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e é Mestre em Letras pela mesma instituição. Também é integrante do Grupo de Pesquisa em Estágio, Ensino e Formação Docente (<http://www.ufpb.br/geef>), compondo a linha Leitura, Literatura Infantil e Juvenil e Ensino. Tem pesquisas e trabalhos vinculados principalmente aos seguintes temas: literatura infantil e juvenil, leitura, formação de leitores e literatura e ensino e, no momento atual, dentre os temas estudados, detém a atenção para as publicações premiadas da literatura direcionada para os jovens leitores.